

COMO PRODUZIR ILUMINAÇÕES PARA CRIANÇAS? FILOSOFIA DA HISTÓRIA E AS NARRATIVAS RADIOFÔNICAS DE WALTER BENJAMIN

Resenha: BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças. Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin.** Rio de Janeiro, Nau Editora, 2016, 292p.

Leopoldo Guilherme Pio¹
UFRJ/IFCS/LAARES/UNIRIO/DSC

O filósofo Ernst Bloch comparou a obra de Walter Benjamin a um espetáculo de cabaré, um 'caleidoscópio' que unia novas questões a fragmentos da tradição cultural. Seguindo o olhar sutil de Bloch, interpreto o livro *A hora das crianças - narrativas radiofônicas de Walter Benjamin* (Nau Editora) como um conjunto de crônicas narradas por um andarilho que, estando em uma loja de doces, resgata antigas experiências e novos gostos, elaborados especialmente para as crianças.

Esta coletânea de textos reúne parte do material que Benjamin produziu para programas de rádio Berlim e Frankfurt, entre 1927 e 1932. Benjamin nunca deixou de refletir a respeito do mundo infantil, diante das transformações culturais produzidas pela modernidade, e constituiu um legado que contribui para a compreensão histórica do conceito de infância, reforçando a ideia de que não se trata de uma categoria isolada, mas fruto de condicionantes sociais e culturais. Textos como "Experiência" (1913), "Livros infantis antigos e esquecidos" (1924) ou "Infância em Berlim por volta de 1900" (escrito entre 1932 e 1934) demonstram como a infância e a juventude eram temas recorrentes em seu pensamento. O livro analisado aqui demonstra que, além de refletir a respeito da pedagogia infantil, o autor foi também precursor no uso da mídia radiofônica voltada para crianças.

Mas, apesar desse pioneirismo, muitos poderiam perguntar qual a atualidade deste trabalho, ou mesmo a validade destes relatos para a compreensão da filosofia

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UERJ/PPCIS. Pesquisador do Laboratório de Antropologia do Espaço e Lugares (LAARES) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ. Professor da UNIRIO/DSC. Email: leoguipio@gmail.com.

benjaminiana. Diga-se de passagem, que o próprio Benjamin não tinha grande apreço por este trabalho de "encomenda". Seriam então obras secundárias na constelação teórica e filosófica do autor?

Acredito que não. Em primeiro lugar, porque a leitura desses textos evoca duas questões centrais da obra de Benjamin: remetem à filosofia da história do autor (e ao seu olhar revolucionário sobre o passado) e à importância que atribui aos conceitos de narrativa e experiência, a partir dos quais surge a possibilidade de identificação com outros seres humanos. Nesta coletânea, Benjamin nos dá exemplos de como sua concepção original de história (em que se articulam temas do romantismo alemão, do messianismo judeu e do marxismo) é aplicada às narrativas radiofônicas, referindo-se a diversas temáticas que encontramos em suas obras mais conhecidas: a descrição arqueológica e etnográfica das cidades (presente em *A Paris do segundo Império em Baudelaire e Rua de mão única*); a revisão dos fatos históricos (proposta nas teses *Sobre o conceito de história*), a reflexão a partir da análise de outros autores (em suas obras a respeito de Baudelaire, Proust e Kafka) ou seus questionamentos a respeito dos modos de transmissão de experiência (em textos como *O Narrador e Experiência e Pobreza*).

Os temas históricos abordados (o processo contra bruxas durante a Inquisição ou a destruição das cidades de Herculano e Pompéia) deixam entrever a concepção de história de Benjamin, e seu chamado a escrever a história "a contrapelo". Benjamin cumpre este objetivo ao falar dos sujeitos escondidos pela historiografia (ciganos, bruxas, trapeiros), bem como das formas culturais geralmente desprezadas pela academia (a filatelia ou o ato de brincar). Estão presentes também a preocupação com as injustiças históricas e abuso do poder (termo que aparece na obra de Benjamin ao jogar com o termo *gewalt*, que pode ser traduzido tanto como "poder" quanto "violência"), quando são descritos os processos contra bruxas durante a Idade Média ou o cotidiano na Bastilha.

O interesse pelas experiências proporcionadas pela vida nas cidades modernas está presente em textos sobre Berlim e Nápoles, e a reflexão a respeito de Fausto de Goethe e Caspar Hauser demonstra a rica relação entre narração e imaginação defendida pelo autor. Todos estes exemplos sinalizam que *A hora das crianças* não é uma obra desconectada dos grandes interesses filosóficos e sociológicos de

Benjamin. Não é por outra razão que a obra do filósofo, embora possa parecer por vezes assistemática, possui temas fundamentais recorrentes: o conceito de experiência (*erfahrung*), as relações entre o antigo e o moderno e a sua filosofia da história e da memória. O interesse pelas galerias e novas formas de comércio nas grandes cidades ou pela historicidade dos brinquedos demonstram uma das teorias mais conhecidas de Benjamin, apresentada em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. com o advento da reprodutibilidade técnica, as obras de arte que antes apresentavam um valor de culto por sua unicidade, passam a possuir um "valor de exposição", perdendo, portanto, seu caráter "aurático", singular. Os conceitos benjaminianos permitem compreender o surgimento de um novo modo do público de se relacionar com bens culturais. Esses bens, por sua vez, estão modificando sua natureza por conta do desenvolvimento da reprodução técnica.

Todas essas questões estão contidas, de maneira sutil e reveladora, em suas narrativas radiofônicas. Revela-se, portanto um pedagogo sutil, que se aproveita de uma nova mídia para reconfigurar a possibilidade de transmitir experiências diante dos desafios culturais da modernidade. Da mesma forma, uma leitura mais atenta de "hora das crianças" deixa claro o equívoco de dissociar a obra de juventude "idealista" e teológica da "materialista" e revolucionária da maturidade. Cabe lembrar também que sua apropriação de temas marxistas data dos anos 20, especialmente a partir de 1924 (quando lê *História e consciência de classe*, de Gyorg Lukács), anterior portanto à produção dos textos presentes nesta coletânea.

Por outro lado, sua crítica à visão linear e progressista de história, cristalizado no texto clássico sobre o conceito de história (1940) já era esboçada em "A Vida dos Estudantes, de 1914, em que apresenta as principais linhas de força de sua filosofia messiânica da história (sem evidentemente o tom marxista que assumiria anos depois). A recomposição da memória e da experiência pela narrativa seria o caminho para o sentimento de pertencimento à história que, para ele, é feita das microscopias do cotidiano. Benjamin fala dos mercados populares, da história cultural de livros e brinquedos, da cultura dos ciganos e bandoleiros que circulavam por Berlim, do contrabando de bebidas alcoólicas, da bruxaria. Falar destes temas "ordinários" é, para o autor, um modo de reagir à concepção que reduz a linguagem ao mero ato de

“informar” (uma obsessão contemporânea) e à visão linear e conformista da história, baseada nos acontecimentos narrados pelo ponto de vista dos “vencedores”.

Esta profissão de fé se expressa na intenção de Benjamin de sensibilizar as crianças (ou qualquer outro ouvinte/leitor) em direção a uma nova sensibilidade com relação ao mundo cultural e à história. Cabe notar que o título em português (“A hora das crianças”) não dá conta da intenção do autor. No original, a obra intitula-se *Aufklärung für Kinder*² (“Iluminações para crianças” em tradução literal), título mais adequado do que o utilizado na tradução brasileira. Penso que a intenção de Benjamin tenha sido estimular “iluminações profanas” em seus ouvintes. Na obra de Benjamin, a noção se refere a uma forma de percepção que transcende a lógica linear e a linguagem instrumental, capaz de provocar uma experiência singular e transformadora. Como ele afirma em suas reflexões sobre o surrealismo, o homem que lê, que pensa, que espera, que se dedica à *flânerie*, pertence, do mesmo modo que o sonhador ou o ébrio, à galeria dos iluminados profanos. Assim como o poeta ou o *flâneur*, a criança tem também suas iluminações profanas, ao “roubar” comida da geladeira durante a madrugada ou ao ressignificar os objetos do mundo adulto, para brincar com eles.

Esta questão nos leva a uma segunda motivação para a leitura: suas narrativas para o rádio refletem não só as principais questões que caracterizam sua filosofia, mas igualmente seu método de escrita. A caracterização minuciosa dos fenômenos sociais, típica de trabalhos mais conhecidos de Benjamin, está presente nas crônicas a respeito do sotaque dos berlinenses, do desaparecimento dos livreiros-ambulantes de Berlin, ou dos “cromos” que passaram a apresentar as imagens dos personagens históricos no lugar do texto escrito. Tais narrativas deixam diversos rastros que podemos seguir, e múltiplas ideias para o leitor que queira se aventurar como interprete das fisionomias do cotidiano e da modernidade.

Há, entretanto um último motivo, mais prosaico, para ler *A hora das crianças*: trata-se de um livro divertido. Como lembra o próprio autor em “Passeio pelos brinquedos em Berlin”, quanto mais uma pessoa entende de um assunto e a quantidade de coisas belas que existem em uma categoria (sejam flores, brinquedos ou livros), tanto maior será o prazer em descobrir mais e se encantar mais por este

² BENJAMIN, Walter. *Aufklärung für Kinder: Runfunkvorträge*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

assunto, e menos se preocupará em possuir, dar ou comprar estas mesmas coisas. A obra de Benjamin é capaz de proporcionar este sentimento e essa disposição. E, ainda segundo o autor, há livros que não são para decorar, basta lê-los. Este é um desses livros. Durante a leitura, é possível imaginar os ritmos e entonações utilizadas por Benjamin durante os programas, e seria uma experiência interessante apresentar suas narrativas em algum programa de rádio atual. Seu olhar irônico, poético e etnográfico faria bem aos nossos olhos e ouvidos contemporâneos.

Não sei se convenci você, caro leitor. Mas de qualquer forma, quis evidenciar o encanto proporcionado por estas crônicas, e a capacidade de Benjamin para elaborar uma experiência que, embora seja um relâmpago do passado, continua a dizer algo ao nosso presente.

Recebido em: 23/05/2018

Aprovado em: 20/07/2018